

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernada Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n.10 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Estamos muito felizes que chegamos a 10.^a edição com a entrevista na íntegra com o museólogo Renilton Roberto da Silva Matos de Assis. Agradecemos a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia.

Esta é a última publicação de entrevistas. Em 2026, teremos novidades na revista. Acompanhem-nos nas redes sociais. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)
RENILTON ROBERTO DA SILVA MATOS DE ASSIS



... às vezes a gente tem uma certa expectativa, que é ideal, que vem com o que a gente acredita, a visão de mundo, museu ideal e museu real. A gente vai trabalhar esse museu real, trazendo as expectativas que a gente cria, algumas dessas possibilidades, mas nem tudo é possível, porque tem os desafios de ordem operacional. Esses desafios às vezes não possibilitam que a gente realize tudo o que a gente sonha dentro de um trabalho com Museologia...

Renilton vive em Florianópolis/SC. É formado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Coordenador do Sistema Estadual de Museus - SEM/SC, é funcionário público estadual lotado na Diretoria de Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura - FCC.

Franciele Maziero | Boa noite, Renilton. Obrigada por aceitar o convite do Corem 5R. Eu sei que foi um pouco em cima da hora, mas que bom que você conseguiu ajustar a sua agenda pra poder falar conosco. Todo mês a gente faz uma *live* com um(a) museólogo(a), uma pessoa que tenha uma trajetória, uma experiência nos museus, com a área da Museologia. Nós abrimos a primeira *live* do ano com o museólogo Marco Antonio [Figueiredo Ballester Junior], então presidente do Cofem, e pensamos no seu nome pra encerrar o ano e falar da sua experiência, do seu trabalho como coordenador do Sistema Estadual de Museus [SEM/SC], de sua trajetória, da sua vida. Acredito que vai ser bem interessante a nossa conversa.

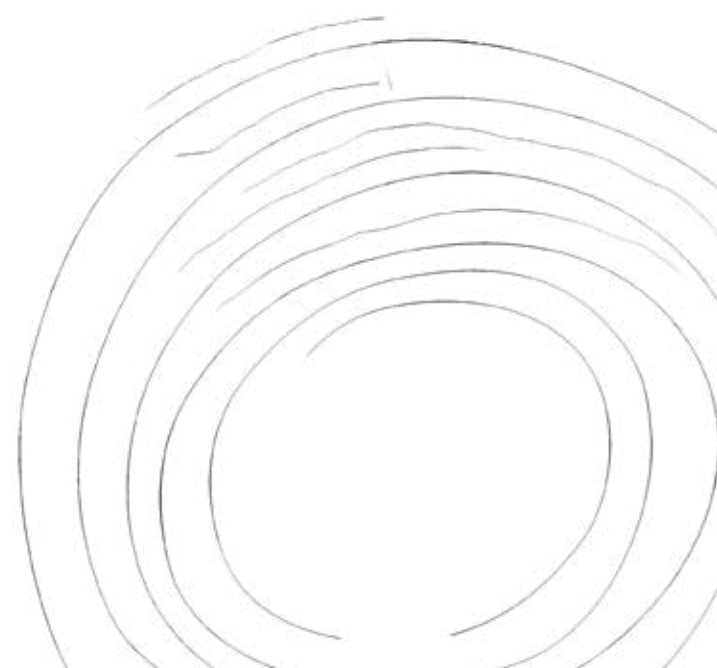
Renilton Roberto da Silva Matos de Assis | Quero desejar boa noite a todos e a todas. Agradecer o convite do Corem 5R. É uma satisfação conversar nesta semana em que a profissão está completando 40 anos de regulamentação. Estou à disposição de vocês pra gente dialogar a respeito do profissional museólogo e do que eu tenho vivido nesse período desde que eu comecei essa trajetória nessa profissão tão desafiante.

Franciele | Gostaria de lembrar que esta *live* fica gravada. Nós pretendíamos fazer uma publicação com todas as *lives*, trechos dos entrevistados e publicar agora em dezembro, mas, com a correria do ano, vai ficar para janeiro. Então todos que participaram dessas entrevistas vão compor essa publicação, que depois vai ser também distribuída pros museus e museólogos de todo o Brasil. Também gostaria de comentar que o Sistema Estadual de Museus sempre foi parceiro do Corem 5R, sempre auxiliando nas demandas. Volta e meia a gente troca e-mails. Essa parceria é bem bacana e desejamos poder estendê-la por 2025 e pelos próximos anos. Vamos começar com dados gerais: qual sua naturalidade, onde você se formou e em que ano?

Renilton | Tá certo. Eu fiz Museologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), que fica em Salvador. O meu contato começou na graduação, em 2003. Me formei no final de 2007, e esse foi um período que me fez visitar bastante instituições museológicas. Algumas eu conhecia antes da graduação, por lazer, viver a cidade e, em alguns desses espaços, em específico, o Museu de Arte da Bahia, eu me lembro de um episódio, de uma exposição comemorativa aos 500 anos do descobrimento. A visão era bastante difundida nesse sentido. Vieram algumas folhas da Carta do Pero Vaz de Caminha, que foram expostas em várias cidades brasileiras e, na Bahia, foi no museu de arte. E eu fui lá visitar. Lembro vividamente essa experiência antes da graduação. Aquele contexto antecede à criação de algumas instituições importantes pra Museologia no Brasil e de fortalecimento de outras, da Política Nacional. Sou natural de Salvador/BA. Estou aqui [em Florianópolis] desde 2010, desde que passei no concurso da Fundação Catarinense de Cultura [FCC].

Franciele | Você começa a faculdade em 2003, mas o que te motivou a entrar na Museologia? Trabalhava na cultura ou em museu? Como foi esse contexto antes da Museologia?

Renilton | Então. O contato inicial se deu na escolha de qual curso fazer no vestibular. Isso já no terceiro ano. Não há uma programação antecedente a esse período. O que me leva a me aproximar da área da Museologia antes da escolha do curso é o interesse pela área cultural de um modo geral. Eu tinha um convívio com a arte, com a cultura de Salvador, cidade na qual eu vivia: frequentava teatros, bibliotecas, gostava bastante de ir ao cinema e a alguns museus. Frequentava, no bairro em que eu morava, algumas atividades culturais, no Santo Antônio Além do Carmo, um bairro histórico em Salvador. Lá, nesse contexto, eu fui me aproximando da área de Humanas, porque eu gostava bastante; no terceiro ano, eu e um amigo tínhamos que fazer uma escolha e, na época, a gente ficou indeciso se escolhia História ou Museologia. A Museologia vem num contexto de ser um curso que oferece uma interdisciplinaridade. Então, tinha arte, história, que nós gostávamos, e tinha outras áreas que eram muito empolgantes naquele momento que a gente tava pra definir a escolha de um curso. Tinha Antropologia, Filosofia... Essa foi uma escolha por interesse na área da cultura e se apresentou como opção mais viável em relação ao gosto pessoal. Não houve uma premeditação, um pensamento de campo de trabalho. Eu acho que foi até, na época, uma escolha ingênua. "Eu quero fazer algo que eu gosto". Então a Museologia aparece na minha vida nesse sentido: eu vivia em uma cidade que tinha uma vida cultural bastante diversificada e aproveitava essa vida cultural. Isso me trouxe um interesse em cursar algo que tivesse relação com o que eu gostava na minha vida. A escolha veio no terceiro ano, já lá no final. E deu no que deu, né?



Franciele | É isso aí! (risos). Como foi o vestibular? Você conseguiu entrar na Museologia facilmente? Como foi a faculdade? Teve dificuldade? A Museologia tem essa perspectiva, que você comentou, da interdisciplinaridade. Então é vasta no campo da arte, da história. Fala pra nós um pouco como foi.

Renilton | O vestibular em si não foi o principal obstáculo, embora não tenha sido fácil, porque a gente tinha uma concorrência razoável pra um curso da área de Humanas. Mas eu creio que o desafio mesmo foi frequentar o curso ao longo dos anos, porque... Eu lembro que, não só para mim, mas para meus contemporâneos, a gente tinha uma formação em Museologia oferecida dentro da universidade federal com disciplinas espalhadas em vários *campi*. Salvador é uma cidade que, pra quem conhece, sabe que ela tem uma geografia acidentada, com ladeiras, subidas e descidas. E a gente tinha que transitar de um *campi* pro outro; às vezes até caminhando, e tinha todo esse deslocamento a fazer; a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas ficava em outro bairro. Então isso já é uma questão da própria logística do curso, porque ele tinha disciplinas nos três turnos. A gente tinha aula pela manhã, pela tarde, pela noite. Evidentemente que você montava a sua grade no momento da matrícula e tentava concentrar, mas não era possível concentrar tudo no turno vespertino ou matutino, ou apenas no noturno. Havia disciplinas que eram dispersas ao longo do dia, e a gente ia se adequando. Ano após ano ia transitando dentro da universidade em diferentes *campi* e horários também. Claro que as disciplinas de Museologia do tronco principal em sua maioria eram [ministradas] no turno matutino, mas tinha algumas no turno vespertino. Tínhamos que ir encaixando as outras disciplinas optativas e de outros cursos. No dia a dia acadêmico, a gente tinha essas questões, que eram uma dificuldade a mais. Mas claro que isso acabava nos motivando a querer superar. O curso tinha uma dinâmica muito interessante. A gente tinha aulas dentro dos museus. Eu me lembro do Museu de Arte Sacra, que [está instalado] em um convento e tem um acervo sacro, católico, e estar dentro de um espaço museológico que tem todo um sentido histórico pra gente era interessante. Ou ter aula dentro da Escola de Belas Artes, em uma sala que tem várias pinturas, e a gente naquele ambiente de sala de aula mesmo, no mesmo ambiente que tem obras de arte. Foi desafiante, mas ao mesmo tempo muito enriquecedor pra nossa formação enquanto acadêmico.

Franciele | Sim. Você já tinha contato com algum professor museólogo? Teve algum que te inspirou ou alguma disciplina que chamou atenção no sentido “Opa! Museologia, é isso o que eu vou fazer!” Como é que foi?

Renilton | Eu sou muito grato a todos os meus professores. Acho que cada um deles contribuiu pra minha formação como pessoa e como profissional. Mas evidentemente que a gente tem nossas preferências ao longo do curso e algumas delas vão se manifestando de maneira natural. Então, meu primeiro interesse foi na área da conservação. Tive uma professora, Graça Teixeira [Maria das Graças de Souza Teixeira], que foi fantástica conosco. Não quero ser injusto com nenhum dos professores; são nossos colegas, mas, respondendo à tua pergunta sobre a primeira área, eu acho que foi a da conservação. Sobretudo a parte voltada à conservação preventiva. Acho que as aulas da professora Graça foram o primeiro estalo de que era isso o que eu queria para mim. Claro que tive outros professores que foram fundamentais na minha formação e seria injusto eu não agradecê-los pelo tempo que disponibilizaram pra nos ensinar, construir com a gente em sala de aula e nas aulas de campo, em museus e espaços museológicos e problematizar um pouco sobre o que é ser museólogo, o que é a profissão.

Franciele | Sim. E as tuas expectativas antes e durante a faculdade? Você disse que começou pelo seu gosto por cultura em geral. E durante a faculdade você viu o mercado de trabalho, os concursos, a iniciativa privada. Como você via isso na faculdade em Salvador?

Renilton | Pois então. É difícil e engraçado. Difícil porque tinha muita gente formada e uma absorção por parte do mercado muito limitada naquela época. Eu não sei se mudou tanto, embora não tenha mais o convívio com o campo museológico onde eu fiz minha graduação, porque eu não moro [mais] lá, eu moro aqui [em Florianópolis]. Então eu não posso dizer nada com propriedade; eu falo do tempo em que eu era acadêmico: não era fácil; até pra arrumar um estágio era bastante disputado. Foi um cenário em que inicialmente eu tive algumas dificuldades, mas, quando surgiram, foi uma experiência atrás da outra. Eu me lembro do Museu Temporal, de postais, que fica no Pelourinho, onde ocorreu minha primeira experiência em estágio, e depois no museu da federal da Bahia, o MAE [Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia]. Depois fui participar de alguns projetos e tive experiência também em empresa, mas eu sempre pensei na questão de buscar minha estabilidade, de ter uma carreira, um emprego público, passar em um concurso. Passou a se tornar uma ambição pra mim, como profissional. Então eu estudava; não prestei concurso só pra área da Museologia no início; fiz pra outras áreas profissionais, mas eu não me preocupava com a localidade, com concursos em outras cidades. Onde apareceu a oportunidade, fiz concurso também. Em Salvador não consegui passar, pois a gente tinha uma concorrência bastante interessante, por já ter um curso com bastante egressos pra disputarem as vagas, e, na época, não ter tanta oferta. Eu acho que as coisas começam a mudar um pouco lá nos idos de 2009/2010. Surgem algumas oportunidades lá e fora de Salvador, mas a maioria, sem dúvida, fora. Eu acho que não fui o único que saí de lá pra tentar concurso fora. Tenho colegas que estão espalhados em algumas cidades. Não sou o único que veio de lá pra cá. Mas, em resumo, não era fácil, não. A gente tinha que ficar sempre buscando. Participei de diferentes atividades dentro da área da Museologia ainda em Salvador, na área de ação educativa, de conservação, de exposição. Foram algumas participações em projetos de documentação. Algumas coisas eu fui experienciando nesse início de trajetória pra conseguir descobrir qual era a área com a qual que eu conseguiria me identificar dentro do campo museológico. Mas no início a gente não escolhe muito, não. A gente vai se desafiando conforme aparecem as oportunidades.

Franciele | Sim, eu ia te perguntar se você conseguiu estagiar na área que você gostava e você acabou de responder que atuou de certa forma na conservação.

Renilton | O primeiro estágio foi nessa área; o segundo foi misto, porque, como estagiário, a gente acaba em uma instituição museológica vivendo algumas das experiências que o museu pode oferecer: mediação, conservação, exposição. Mas a primeira experiência foi essencialmente a área da conservação, sim.

Franciele | Sim, nem sempre naquilo que a gente gosta depois vai conseguir trabalho. Mas tem que pegar as oportunidades que aparecem. Eu também vivi isso. Uma coisa é gostar de determinada área; outra é conseguir a estabilidade. E pensando no mercado de trabalho? Você se forma em que ano?

Renilton | Terminei no final de 2007 e, em 2008, inclusive, pedi o meu registro na 1ª Região.

Franciele | Quando saiu o concurso na FCC [Fundação Catarinense de Cultura]? Em 2010?

Renilton | Foi em 2010. O concurso da FCC é interessante, porque em 2008 eu vim pra Florianópolis no 3º Fórum Nacional de Museus. Viemos eu e vários colegas da universidade, alguns amigos. Eu gostei bastante da cidade e pensei que, quando tivesse um concurso, eu me deslocaria pra fazer. Achei a cidade muito boa pra se morar, me interessei. Então, quando abriu o concurso, eu me inscrevi.

Franciele | Acredito que você passou no concurso e logo foi chamado. Não demorou muito pra ser chamado, né?

Renilton | A prova foi em maio e, em setembro, eles me chamaram. E aí eu vim pra cá em outubro.

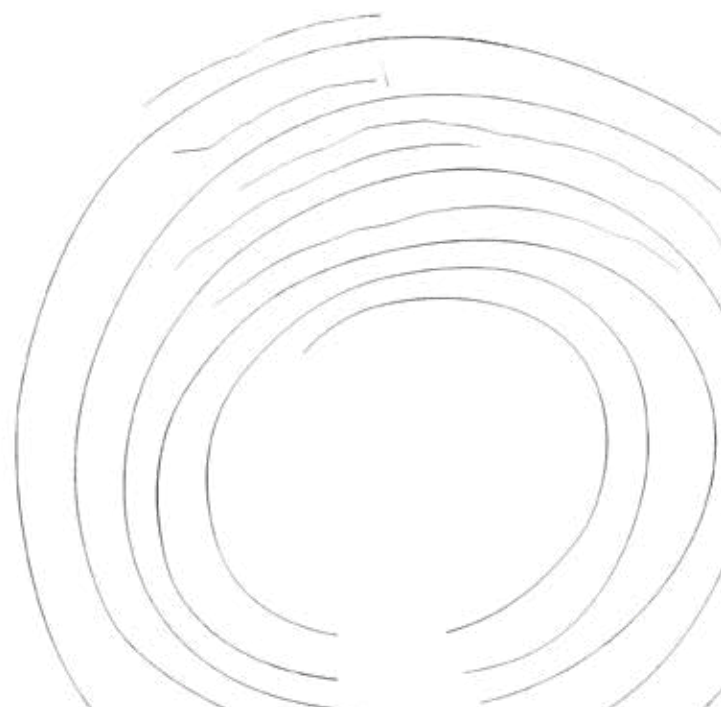
Franciele | Uma vez estando em Santa Catarina, Florianópolis, você começou a trabalhar em qual instituição da FCC? Em qual museu? Eles te colocaram em alguma área específica ou você ficou atuando em todas? Como foi isso?

Renilton | Não. Quando nós passamos no concurso, fomos trabalhar na Diretoria de Patrimônio, no Sistema de Museus. Eu vou pro sistema e, a partir dali (na época, a Marli [Fávero] era coordenadora; depois, o Maurício [Rafael]), a gente vai fazendo um trabalho com as instituições da FCC. Então eu trabalhei no projeto de reabertura do Masc [Museu de Arte de Santa Catarina] em 2011, com colegas de outras áreas da FCC; trabalhei em uma exposição no MIS [Museu da Imagem e do Som de SC]; trabalhei em assessorias técnicas por meio do sistema para museus aderidos; participei de alguns projetos do sistema; acompanhei com a equipe do sistema (não ministrei) oficinas junto com outros colegas em algumas cidades do interior. Foi assim naquele período inicial. Estive lotado nessa diretoria que estou até hoje, mas fui para o Museu Histórico [de Santa Catarina - Palácio Cruz e Sousa - MHSC] em agosto de 2013 e fiquei lá por um período de quase quatro anos atuando só neste museu da FCC. Esse início da minha vida profissional foi mais ou menos no sistema atendendo aos museus da FCC e do estado, junto com meus colegas, e depois eu fui trabalhar exclusivamente no MHSC. E lá a gente desenvolveu uma ação só com aquela instituição, com os colegas do museu. A gente trabalhou o Plano Museológico e alguns outros instrumentos importantes pro seu funcionamento, como política de acervo, regimento interno, e fizemos exposições e toda a sorte de atendimento de rotina da instituição. Algumas atividades nós não conseguimos fazer, porque, pelo volume de atividades que o museu demanda, às vezes é necessário mais do que um profissional, ainda mais em um museu daquele porte. Então a gente ia trabalhando com prioridades dentro de uma sequência, até que, no início do segundo semestre de 2017, eu retornei pra trabalhar no Sistema Estadual de Museus, na Diretoria de Patrimônio Cultural.

Franciele | Você pode nos dizer se esse começo foi difícil? Você conseguiu conciliar? Foi ao encontro das suas expectativas ou você aceitou o que veio? Vindo da Bahia, de Salvador, chegando num outro estado. Eu imagino que você não conhecia muitas pessoas...

Renilton | Fácil não foi, porque eu vim sozinho. Eu tinha o sonho de fazer o meu trabalho dentro da área que eu estudei pra fazer. Eu vim com muita empolgação, muito feliz de vir, mas fácil não é, porque, de certa forma, há uma responsabilidade como profissional e evidentemente muito do que desenvolvemos ao longo da nossa carreira a gente vai aprendendo também. Uma coisa é estar numa equipe que fez uma exposição, outra coisa é você ter que propor pra uma equipe uma exposição. Isso já é um desafio. Claro que esse desafio foi compartilhado com colegas de outras áreas profissionais dentro do órgão que eu trabalho. Eu acho que isso foi um diferencial, porque a FCC tem profissionais

qualificadíssimos. Temos colegas dentro das suas áreas que fazem um trabalho de excelência: historiador, design gráfico, arquitetos... O quadro técnico dos museus, no momento em que eu cheguei, tinha profissionais com uma trajetória de serviços prestados, conhecedores do dia a dia da instituição e que ajudaram bastante, mas, pensando de um modo geral, há uma cobrança do próprio profissional em querer fazer o trabalho como tem que ser feito corretamente, seguindo o que é esperado para um museu, pelo museu e também para a sociedade. Então às vezes a gente tem uma certa expectativa, que é ideal, que vem com o que a gente acredita, a visão de mundo, museu ideal e museu real. A gente vai trabalhar esse museu real, trazendo as expectativas que a gente cria, algumas dessas possibilidades, mas nem tudo é possível, porque tem os desafios de ordem operacional. Esses desafios às vezes não possibilitam que a gente realize tudo o que a gente sonha dentro de um trabalho com Museologia todo de uma vez só. Então a gente vai fazendo um trabalho, por exemplo, o Plano Museológico. Faz o planejamento, mas tem a implementação desse plano. E ela revela uma série de desafios. A gente planeja, claro, com os pés no chão, dentro de um contexto coerente, ou ao menos que a gente pensa que é coerente naquele momento que tá planejando, mas, ao longo da implementação, tem coisas que eventualmente acabam não se realizando por diferentes motivos. Com relação àquele momento inicial, também tem essa questão pessoal, de vir de um lugar do qual eu não trago as pessoas que estavam naquele contexto social comigo. Então, para trás eu deixo família, amigos e venho para cá ficar sozinho. Só que era tão desafiante, empolgante o trabalho naquele momento que isso acabou se diluindo com o tempo. E ao mesmo tempo eu vou me contextualizando com o dia a dia do lugar em que eu vivo. Como diz [Pierre] Bourdieu: eu vou entrar nesse campo local e vou começar a me adaptar e participar, fazendo as minhas amizades com colegas, amigos, e isso ajuda a superar esse momento inicial de dificuldades. Eu consigo me adaptar... Até porque eu vim por escolha. Quando você escolhe, você já tem metade do caminho percorrido. Eu escolhi vir; então isso já foi um fator que me favoreceu. Agora, claro que, [acrescido] a toda essa questão que eu tentei resumir, das dificuldades operacionais do dia a dia, tem ainda a nossa própria limitação profissional, porque a gente vai entendendo as questões, às vezes, quando se depara com ela. A gente vai lendo, vai se adaptando, vai se atualizando, vai se conectando com o que tá acontecendo no momento em que se está produzindo um trabalho. Porque nestes anos em que a gente vive a implementação do Plano Nacional Setorial estavam ocorrendo os fóruns nacionais e estaduais que discutiam o que o campo esperava da instituição. Então a gente vai tendo que estar o tempo todo lendo, se adaptando, se atualizando pra poder acompanhar o que tá no



dia a dia. E, ainda assim, evidentemente, não vai dar conta de toda a gama de informações que vão surgindo e de expectativas que [as pessoas] têm a respeito do nosso trabalho.

Franciele | E como foi o convite pra coordenar o Sistema Estadual de Museus? Você já participava, mas não estava à frente. Porque, imagina, a gente conhece todo tipo de museu catarinense. Vocês têm o entendimento do que é o chão de museu, nos interiores aqui do nosso estado [SC]. Como foi pra você?

Renilton | Tranquilo não foi. A primeira vez que, pela diretora da época, eu fui convidado, resolvi não aceitar inicialmente, porque a gente tava desenvolvendo um trabalho lá no museu histórico, realizando uma série de atividades ao longo daqueles anos, como eu falei anteriormente, Plano Museológico, regimento [interno], política de acervo, uma exposição, além das rotinas — pretendíamos ainda fazer outras coisas que o museu precisava —, e acabei criando um laço afetivo com esse trabalho. Certamente, o trabalho em museu é permanente, porque é um trabalho que sempre vai ter algo pra gente resolver — e por isso a necessidade de um profissional museólogo nos museus, assim como de outros profissionais. Então inicialmente eu não aceitei. Fui perguntado, mas aquilo ficou de certa forma comigo, porque eu pensei [o seguinte]: o sistema tá com quadro reduzido; na época, a colega que coordenava tava com problemas de saúde, e o sistema tava precisando de pessoal, e eu fiquei incomodado um pouco, apesar de ter um laço afetivo com o que eu tava fazendo lá no museu histórico. Alguns meses mais adiante eu resolvi aceitar, mas não foi fácil, não, porque o trabalho do sistema é muito complexo. O desafio pra coordenar é muito grande. A gente teve coordenadores do sistema que contribuíram bastante pra Santa Catarina, como a Marli [Fávero] e o Maurício [Rafael]. Não vou citar todos; estou falando dos dois últimos antes de mim. Então dar continuidade a esse trabalho é uma responsabilidade muito grande, até porque, se formos analisar os dados, teve uma contribuição muito grande na época desses dois colegas. Acho que a gente teve bastante oficinas, os fóruns. Dos cinco, quatro foram realizados no período deles. A gente teve o quinto [comigo] já estando coordenador, mas em 2019. Então eu fui, porque, primeiro, sou servidor da casa; [além disso,] a diretoria tava precisando do servidor da minha área de formação e aquilo me fez tomar decisão nesse sentido. Eu achava que tinha algo a contribuir e chegou um momento do trabalho que a gente precisa de um pouco de desafio pra poder produzir mais e mais. Então eu levei a minha experiência recente, como você colocou, de chão de fábrica, de conhecer museu, pra coordenação do sistema, que, inclusive, me ajudou a firmar a minha primeira parceria com o Conselho Regional de Museologia [5ª Região]. O Marco Antônio era o presidente na época. Nós realizamos, em conjunto, sete edições do “Conversando sobre museus”, sobre o Plano Museológico. A gente itinerou as sete regiões museológicas tratando desse tema. Foi bem importante pra reativar um pouco [as atividades]. O sistema nunca deixou de existir, mas a gente precisava voltar a correr o estado, como aconteceu bastante na gestão dos meus colegas. Então fizemos essa parceria, realizamos esse trabalho, que foi até um trabalho que pavimentou também o caminho para o fórum, em 2019. Então não foi fácil e não continua sendo fácil, mas...

Franciele | Gostaria de te perguntar. A gente sabe de toda a situação da Fundação Catarinense de Cultura, [principalmente] da falta de pessoal. Querendo ou não, isso afeta e muito o dia a dia dos museus, das instituições. Como tá o sistema? Vi que vocês lançaram agora um guia atualizado de museus catarinenses. Eu tava olhando, ficou bem legal, com informações atualizadas, que os museus encaminham pro sistema.

Como vocês estão planejando os desafios e as ações do sistema? [Pretendem] voltar com essas oficinas, esses programas de capacitações ou dar uma continuidade no Guia de Museus? Se puder falar um pouco para nós também sobre isso...

Renilton | A gente tem elencadas as prioridades por causa do nosso quadro reduzido. Então trabalhamos dentro de um período específico de planejamento para o ano seguinte. Não só o sistema, como todos os setores dentro da instituição. E aí a gente faz um planejamento bem “pé no chão” pra poder ser exequível. Então, no ano passado, planejamos fazer um novo guia de museus e, em março desse ano [2024], a gente começou a fazer a coleta de informações, que transcorreu até o final de outubro. Em seguida, trabalhamos com outros colegas da fundação a formatação da própria publicação. Esse trabalho não é fácil, porque a gente tem que chegar lá na ponta, nas instituições. É importante registrar que o último tinha sido em 2014. Por que a gente não fez depois disso? Porque se dedicou a outras atividades. A gente teve um fórum em 2019, uma oficina, a segunda grande campanha de cadastro de museus em Santa Catarina, que resultou no lançamento, em maio de 2021, do segundo relatório do Cadastro Catarinense de Museus, o último relatório que a gente publica do cadastro, um trabalho de maior envergadura, porque a gente tem uma coleta de dados bastante robusta, que precisa ser trabalhada, tabulada, ser construído todo um relatório para trazer a público esse resultado. E é importante frisar sobre o Cadastro Catarinense de Museus, que é a nossa bússola, pra gente poder aplicar na ponta as políticas públicas que a gente tem a realizar dentro das nossas possibilidades. A gente foi orientado por meio de alguns desses indicadores a direcionar algumas das nossas ações. Por exemplo, as oficinas de Plano Museológico não são repetidas nos últimos anos e não aparecem no edital de estímulo à cultura, no prêmio pra Plano Museológico à toa. É que lá no primeiro cadastro foi identificado que apenas 11,6% dos museus tinha Plano Museológico. A gente se assustou com isso e teve que fazer algo, tanto que, como eu falei, agora há pouco, a parceria com o Coren foi com o tema Plano Museológico. Depois a gente fez parceria com Ibram, o Instituto Brasileiro de Museus, com oficinas de Plano Museológico presenciais. E continuou essa parceria no período pandêmico fazendo virtualmente, o que foi até inédito; a gente nunca tinha feito oficina remota. [Assim,] fomos direcionando a partir desses indicadores coletados no cadastro algumas das nossas ações. Isso resultou numa melhoria. Nesse segundo relatório, a gente foi para 25,9% dos museus com esse indicador. Saímos de 11,6 para 25,9. Então, provavelmente o próximo relatório, fruto de um novo cadastramento em Santa Catarina, vai indicar uma mudança nesse dado. Este ano a gente lançou, como você bem mencionou agora há pouco, o Guia de Museus. É a quarta vez que o sistema/a fundação faz um guia. O primeiro foi em 2001; o segundo, em 2008; o terceiro, em 2014, e, agora, o quarto, em 2024. A gente vai lançar a versão impressa ano que vem e distribuir pra todos os museus uma cópia física. A gente também pretende distribuir pras bibliotecas e distribuir atividades presenciais no sistema, quando a gente realizar a capacitação. Este ano a gente realizou duas oficinas de conservação preventiva de acervos, em parceria com o Atecor e com os museus: uma na Unibave, em Orleans, no sul do estado [de SC], e outra no Oeste, em parceria com o Museu do Milho, de Xanxerê/[SC]. E ano que vem a gente vai fazer mais duas oficinas dessas; se possível, ampliaremos a quantidade. Então a gente tá aberto a parcerias, pra conversar, inclusive com o próprio conselho. Somos parceiros, até porque o conselho também faz parte do sistema, é aderido ao sistema. Temos essa parceria, como você falou no início, de longuíssima data. Hoje a gente pensa alguns itens pro próximo ano, conforme planejamento e, duas delas eu trago aqui para vocês: a impressão do Guia de Museus, esse que foi publicado

agora com 201 museus, de 113 municípios, e a realização de duas oficinas de conservação de acervo em outras regiões museológicas que não foram contempladas ainda. A gente quer ampliar a quantidade de oficinas? Queremos. A gente tá buscando alternativas para isso? Estamos. Mas eu não posso trazer aqui algo que ainda não está concreto. O sistema de museus, ao longo desses anos, tem realizado trabalhos dentro de um planejamento que é possível executar. Então a gente tem algumas questões que precisam ser resolvidas, mas, de um modo geral, todo ano temos tentado entregar algo: entregamos em 2000 esse relatório do Cadastro Catarinense de Museus e, durante a pandemia, lançamos os relatórios de impacto da pandemia, que, inclusive, em indicadores, foram pedidas algumas ações possíveis de executar dentro daquele contexto de distanciamento social. Então surgiu também a proposta de fazer oficina de caráter remoto. A gente aprendeu com a pandemia que era possível também fazer um assessoramento inicialmente remoto. Então começamos a trabalhar dessa maneira. Ao longo do ano, fizemos bastante assessoramento remoto. [Inclusive,] quem trabalha em museus pode solicitar para o sistema uma reunião, que a gente vai atender. Mas há casos, evidentemente, que a gente tem que ir a campo presencialmente. Não é só o museólogo que vai; vai também o conservador, alguém da área de História, da Arquitetura. A gente tenta fazer um trabalho dentro das nossas condições, pra que consigamos atender com qualidade à instituição museológica que nos solicita.

Franciele | E os museus têm procurado muito o sistema pra fazer essas assessorias?

Renilton | Procuram. Claro que tem momentos do ano, e a gente tem indicadores pra provar isso, que a procura é menor. Por exemplo, esse período agora de dezembro e janeiro, é um período que a gente não tem muita procura. E aí aproveitamos pra fazer o trabalho mais interno, justamente visando ao próximo ano. Foi daí que surgiram algumas das nossas ações, como esse guia que a gente acabou de lançar. A gente aproveitou esse período pra construir o planejamento pensando na ação. É um período de festas, de férias, em que a procura é menor. Eu não vou lembrar agora, mas, entre março e novembro, a gente tem um padrão de atendimento que tem alguns picos, e esses picos se manifestam, sobretudo, quando a gente faz uma oficina. Quando fizemos a oficina presencial, tanto em Orleans quanto em Xanxerê, depois a gente teve procura de instituições museológicas que também estiveram nas oficinas. Então, algumas delas acabam provocando procuras de atendimento pra aprofundar a relação com o sistema e tentar dialogar a respeito de determinada questão que o museu precisa resolver.

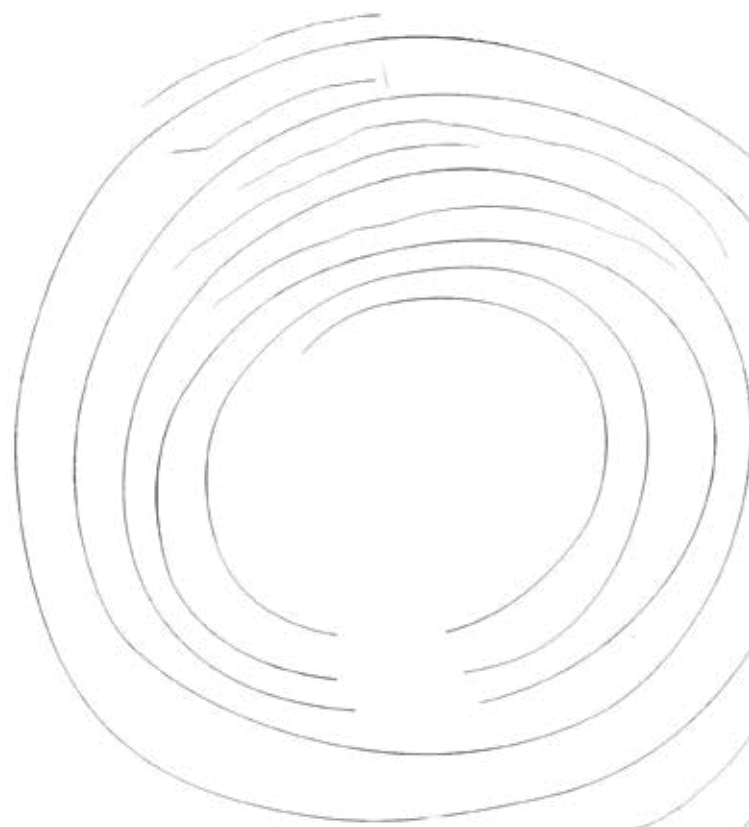
Franciele | Dessa percepção desses dados que vocês levantaram no guia, além do Plano Museológico, qual é a maior ausência dentro dos museus? Política de acervo, documentação, falta do profissional museólogo?

Renilton | Tem muito indicador. Eu não vou lembrar agora de cabeça e nem tô com documento aqui nesse momento aberto, mas a gente tem percebido que faltam quadros nos museus. Museólogo é uma questão que certamente é de conhecimento do conselho, porque vocês têm esses dados melhores até do que a gente, no sentido de conhecer quem está atuando e onde. Mas a gente tem essa necessidade de reforçar os quadros dos museus, não só na área da Museologia, como da ação educativa, da conservação. Então tem nos indicadores do relatório do Cadastro Catarinense de Museus esse dado como um dado importante, de necessidade. Tem também a questão da área da documentação, que é muito sensível, a parte dos documentos legais, que ajudam no funcionamento do museu. Tem bastante museu que não tem regimento interno,

política de acervo. Tem museus ainda que estão trabalhando até nos próprios documentos legais de criação, porque, como o Estatuto de Museus é de 2009, essa obrigatoriedade acabou se tornando mais visível. Ele traz isso pra gente. Então, a gente tem que trabalhar nessa orientação. Mas na época, em 2018, teve bastante visibilidade nos museus devido à tragédia com o Museu Nacional. O indicador sobre alvará de funcionamento do corpo de bombeiros é um indicador que chamou muita atenção: eram 37%, se eu não me engano, que tinham. Depois esse dado melhorou; a gente passou de 50% no relatório de 2021. Então tem uma série de indicadores que precisam de melhorias, mas é importante considerar que tudo isso também vem casado com a questão orçamentária, de recursos, sustentabilidade financeira. Acho que nos últimos anos melhorou bastante. A gente está tendo bastante edital de fomento. A FCC [Fundação Catarinense de Cultura], por exemplo, lançou alguns recentemente. O último agora foi o [Edital Elisabete] Anderle [de Estímulo à Cultura]. Mas a gente teve o Revitaliza, lançado pros museus privados. Isso também acaba contribuindo pra favorecer a qualificação e a melhoria desses espaços e do cuidado com o patrimônio museológico e das ações dos museus com suas comunidades e entorno. Mas eu não tenho agora como trazer de maneira detalhada quais seriam os indicadores que, colocando um olhar, a gente se assustaria. O último Plano Museológico que citei anteriormente tá nesse último relatório em 25,9%. Se você pensa que tem mais de 200 museus em Santa Catarina, então a gente tem um campo ainda vasto de instituições que precisam da nossa atenção quanto ao planejamento, por exemplo. Sobre os dados do cadastro, pelo que eu me recordo agora, são esses que eu trouxe pra vocês, mas ele está disponível pra *download* no site da fundação, na página do sistema. Aliás, a gente sempre tá disponível. Caso tenham dúvidas, [podem] mandar pro nosso contato oficial lá no e-mail, e a gente responde. Sempre estamos abertos a responder a qualquer dúvida que esteja dentro da nossa área de atuação.

Franciele | Sim. Pensando enquanto profissional museólogo, você tem planos pro futuro? Quem é o profissional Renilton?

Renilton | Hoje eu estou tão envolvido com o que a gente tem realizado ali [na FCC] que o meu plano pro futuro é o planejamento que a gente acabou de fazer agora pro ano que vem. (risos) Continuar tentando entregar o que o setor tem que fazer, mas com a plena consciência de que não é suficiente pra tudo que o campo precisa. Ao mesmo tempo, eu tenho consciência de que o nosso trabalho é parte de uma grande



engrenagem. O sistema, junto com o conselho, com o Ibram, com o Conselho Internacional [ICOM], com as universidades, com as redes de educadores, com as comunidades... Juntando todos esses atores, a gente vai conseguir entregar pro campo museológico uma série de ações que vão contribuir pro seu fortalecimento. Eu já tive bastante disso, de pensar muito além, mas, pra não ficar tão ansioso, eu penso que hoje eu tenho um planejamento pro próximo ano e isso já me deixa ansioso demais. Então essa entrega pro próximo ano é o que eu tenho de plano. Claro que tem coisas que a gente precisa construir pra além de 12 meses. A gente tem que pensar pros próximos 3,4 anos o que a gente pode fazer como profissional, às vezes até dentro da sua própria formação pessoal. Ao longo dos anos, eu fiz algumas coisas fora da Museologia. Também fiz História na UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. Tudo isso pra contribuir com a minha própria trajetória profissional dentro do campo museológico. Tem coisas que a gente acaba indo buscar pra construir um profissional cada vez melhor dentro, evidentemente, da nossa limitação enquanto ser humano, porque tem coisa que a gente não vai conseguir realizar por causa da própria magnitude de algumas tarefas. A gente precisa estar junto com os colegas do campo, não somente museólogos, como com outros profissionais. Como é um campo interdisciplinar, a gente tem uma relação muito próxima com colegas da área da educação, da conservação, da História e de tantas outras áreas que fazem da área museológica um campo tão rico pra se trabalhar.

Franciele | Sim, e o museólogo do futuro? É esse que vai estar mais por dentro da inteligência artificial? Vai ser um museólogo que estuda mais? Como você vê essa questão?

Renilton | Sim, eu acho que o museólogo do futuro já está entre nós. O pessoal que tá chegando agora, saindo da universidade, que tá entrando no campo agora, já tem uma perspectiva pra algumas coisas que acontecem no campo muito diferente do que aquela da minha época de formação. Então a gente tem a felicidade de ter a possibilidade de aprender com esse museólogo do futuro pra que a gente não fique ancorado em concepções que precisam ser rediscutidas. Eu acho que já há um movimento. Se a gente pega a literatura e as experiências museológicas que estão acontecendo fora da caixa, do convencional, a gente já tem experiências inovadoras e que são produzidas por pessoas não só da Museologia, mas de outras áreas do campo cultural, que já provocam uma certa mudança de paradigmas. Se pensarmos nas novas tecnologias e o que podem fazer a serviço do patrimônio cultural, a gente vai ver que já há um movimento por parte do campo cultural pra absorver isso e trazer modificações. Eu acabei de falar agora há pouco sobre a possibilidade desse mundo virtual pra poder fazer assessoramento. Até a nossa conversa aqui é prova disso. A gente não precisa estar no mesmo ambiente físico pra poder estabelecer um diálogo. Então, museus, patrimônio museológico já têm uma entrada de pessoas dentro do campo de atuação que trazem essa bagagem de novidade. A própria sociedade já tem trazido essa necessidade, demandado isso. Então, se a gente vai pensar em uma exposição apenas como suporte físico como possibilidade de comunicação, a gente tá deixando de levar em consideração possibilidades que as novas tecnologias nos trazem pra poder ampliar a capacidade de alcance daquela mensagem que aquela exposição se propõe a problematizar. Isso tá aí, tá posto. A gente precisa absorver isso dentro do nosso dia a dia pra tentar inovar e dinamizar um pouco o trabalho que a Museologia tem a fazer.

Franciele | A respeito dos 40 anos do profissional museólogo, você tem alguma mensagem pra falar pra quem vai assistir à *live* que ficará gravada?

Renilton | Eu creio que [este] é um período superimportante pra gente. Vocês estão de parabéns em estar celebrando, realizando esses encontros e, inclusive, recentemente eu abri a página da 5ª Região e achei que tá belíssima. Eu acho que a gente tem que ter orgulho da área em que a gente atua, da profissão em que a gente atua. Eu creio que é uma conquista de muitos profissionais. Essa data, essas quatro décadas têm bastante relevância. Isso foi sendo construído ao longo de décadas que antecedem esses 40 anos, mas a gente ter uma profissão regulamentada, com uma estrutura de conselho, com a possibilidade de exercê-la com a legislação que nos dá todo o respaldo, é importante para o profissional. Como eu falei, eu também sou historiador, e a História levou muitas décadas pra conseguir. Tem pouco tempo que conseguiu a regulamentação. É um reconhecimento profissional. Então, a Museologia chegar a 40 anos é um marco muito importante. Eu quero desejar aqui pra todos os colegas “meus parabéns”. Tenham orgulho da área de vocês, da nossa área. Creio que temos desafios e dificuldades, mas a gente também tem muito a celebrar e torcer que o campo continue se fortalecendo, superando os obstáculos que são colocados no nosso caminho enquanto área profissional. Temos muito a aprender, certamente, com outras áreas que têm experiências dentro da estrutura mesmo, e a gente percebe que a nossa área tem se fortalecido com resoluções que vão trazendo um detalhamento sobre como proceder em uma série de situações. As CRTs [Certificações de Responsabilidade Técnica] são um exemplo bem claro [disso], que não tem nem uma década ainda, mas foi um avanço. A gente tem coisas, evidentemente, que precisam avançar, mas estes 40 anos eu creio que são muito significativos. E eu faço votos que a gente tenha mais 40 e, depois disso, mais 40, e a profissão, assim como outras que já existem há bastante tempo, tenha um longo período a trilhar; sobretudo, temos que ter em mente que a gente é uma parte de um todo e que a Museologia é importante pro campo do patrimônio cultural e junto com outras áreas a gente tá entregando um trabalho que visa justamente a valorizar o que nossa área se propunha a estar atuando.

Franciele | Obrigada, Renilton. Em nome do conselho, [quero] lembrar todos aqui que a *live* fica gravada. Então quem não assistiu pode assistir; pode curtir, comentar, compartilhar. Tem mais alguma mensagem pra deixar pros estudantes, pra aqueles museólogos que estão entrando no mercado de trabalho, para quem tá na faculdade, mas tá pensando talvez em desistir, porque não tá vendo muita perspectiva? Se tiver alguma mensagem e quiser deixar essa mensagem pra todos, pode ficar à vontade.

Renilton | Bom, eu quero dizer que não devemos desistir diante de alguns obstáculos. Como qualquer área profissional, tem suas dificuldades, mas a principal virtude da área museológica é que há muito intercâmbio. É uma área, principalmente aqui em Santa Catarina, que a gente percebe que há uma solidariedade. As pessoas estão dispostas a trocar, a contribuir, a dialogar. Pros estudantes, é importante conhecer as instituições museológicas que temos no estado.

Franciele | Obrigada, Renilton. Tchau, pessoal.

Renilton | Obrigado pelo convite, Franciele.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOUREARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855